

GEORGE ORWELL

A
REVOLUÇÃO
DOS
BICHOS

ILUSTRAÇÕES de Ralph Prado
TRADUÇÃO de Fernanda Cosenza



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023



A Revolução dos Bichos

Copyright © 2023 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.
ISBN: 978-85-7881-719-0

Translated from original Animal Farm. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânica ou eletrônica –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2023 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

079m Orwell, George
A Revolução dos Bichos / George Orwell. - Rio de Janeiro :
Tordesilhas Fabulous Classics, 2023.
120 p. : il. ; 15,4cm x 23cm.
ISBN: 978-85-7881-719-0
1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Título
CDD 823.91
CDU 821.111-3
2023-1603

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91
2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Erratas e arquivos de apoio: No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.



Produção Editorial

Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial

Anderson Vieira
anderson.vieira@altabooks.com.br

Editor

Ibraíma Távares
ibraima@alau.de.com.br
Rodrigo Faria
rodrigo.fariaesilva@altabooks.com.br

Vendas ao Governo

Cristiane Mutus
crismutus@alau.de.com.br

Gerência Comercial

Claudio Lima
claudio@altabooks.com.br

Gerência Marketing

Andréa Guatiello
andrea@altabooks.com.br

Coordenação Comercial

Thiago Biaggi

Coordenação de Eventos

Viviane Paiva
comercial@altabooks.com.br

Coordenação ADM/Finc.

Solange Souza

Coordenação Logística

Waldir Rodrigues

Gestão de Pessoas

Jairo Araújo

Direitos Autorais

Raquel Porto
rights@altabooks.com.br

Assistente da Obra

Mariana Portugal

Produtores Editoriais

Illyabelle Trajano
Maria de Lourdes Borges
Paulo Gomes
Thales Silva
Thiê Alves

Equipe Comercial

Adenir Gomes
Ana Cláudia Lima
Andrea Riccelli
Daiana Costa
Everson Sete
Kaique Luiz
Luana Santos
Maira Conceição
Nathasha Sales
Pablo Frazão

Equipe Editorial

Ana Clara Tambasco
Andreza Moraes
Beatriz de Assis
Beatriz Frohe
Betânia Santos
Brenda Rodrigues

Caroline David

Erick Brandão
Elton Manhães
Gabriela Paiva
Gabriela Nataly
Henrique Waldez
Isabella Gibara
Karolayne Alves
Kelry Oliveira
Lorrah Candido
Luana Maura
Marcell Ferreira
Marlon Souza
Matheus Mello
Milena Soares
Patrícia Silvestre
Viviane Corrêa
Yasmin Sayonara

Marketing Editorial

Amanda Mucci
Ana Paula Ferreira
Beatriz Martins
Ellen Nascimento
Livia Carvalho
Guilherme Nunes
Thiago Brito

Atuaram na edição desta obra:

Tradução

Fernanda Cosenza

Copidesque

Carolina Forin

Revisão Gramatical

Cintia Oliveira
Denise E. Himpel
Mariana Rimoli

Diagramação

Rita Motta

Capa

Paulo Gomes

Ilustração

Ralph Prado
Aparato
Vera Moraes

Editora
afiliada à:



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

SUMÁRIO



Revolução... dos “Bichos”?, *por Rita von Hunty*, 2

A Revolução dos Bichos, 10

Notas Sobre a Capa, *por Andy Gregg*, 102

Sobre o Autor, 105



A REVOLUÇÃO... DOS “BICHOS”?

por Rita von Hunty





Não é tanto uma série de livros, é mais como um mundo.”* Isso é Orwell, sobre Dickens. “Não é tanto uma série de livros, é mais como um caso.”** Isso é Raymond Williams, sobre Orwell. “Não é tanto um simples caso, é mais como um que deveríamos ter sempre em mente e disputar.” Isso sou eu, sobre Raymond Williams, George Orwell e momentos históricos como o que vivemos, de esfacelamento democrático e de cooptação e desencorajamento tanto das ideias de plenos acessos quanto da legitimação inalienável de nossas existências enquanto sujeitos constituintes e participantes de construções de outras sociedades, em outras direções.

Apresentar um clássico não é uma tarefa simples, ainda mais quando há tanto para ser dito sobre a obra em questão. Rios de tinta correram sobre páginas ao longo dos mais de 75 anos desde a publicação original de *Animal Farm – A Fairy Story* [*A Revolução dos Bichos – Um conto de fadas*, em tradução literal], em 17 de agosto de 1945. Vale ressaltar que, assim como *1984*, este escrito de Orwell atingiu um sucesso estrondoso de público: mesmo com a escassez de papel legada à Inglaterra após a Segunda Guerra Mundial, mais de 25.500 cópias lá foram impressas, com impressionantes 590 mil outras cópias impressas nos EUA até o falecimento do autor, em janeiro de 1950. Este livro (bem como *1984*) foi recebido de forma polimorfa pela crítica,** e ainda que muito possa ser dito sobre tal polimorfia, a intenção desta apresentação é destacar alguns pontos de entendimento e propor uma chave de leitura com a qual brinco no título deste texto.

Destaco o fato de que o subtítulo do original, publicado por Secker & Warburg e pela Penguin Books, “A Fairy Story”, e que fazia menção ao caráter de fábula, foi retirado de praticamente todas as edições posteriores, estando ausente também das primeiras edições estadunidenses

* Orwell, George. *Critical Essays*. Londres: [s.n.], 1946. p. 45.

** Williams, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.310.

*** Teço breve comentário acerca das recepções difusas de *1984* na apresentação que escrevi para a obra na edição de 2021, publicada pela editora Biblioteca Azul.

da obra.* Tal feito serviu, em parte, ao propósito (em especial liberal) de usar a narrativa como uma ferramenta de propaganda anticomunista. Intento que não encontra base de fomento na obra em si, “Orwell mesmo nunca acomodou voluntariamente” a “demanda política (...) por uma parábola sobre a Guerra Fria”.** O que não implica dizer que o conteúdo da narrativa não seja, sobretudo, político de início a fim. Em uma carta para Yvonne Davet, Orwell descreveu *A Revolução dos Bichos* como seu romance “contra Stalin”, chegando a sugerir como título para a tradução francesa: “Union des Républiques Socialistes Animales” (URSA), uma explícita piada com a denominação em francês da União Soviética (URSS), “Union des Républiques Socialistes Soviétiques”. Inclusive, para a edição francesa, a piada se estende, e a personagem do porco contrarrevolucionário Napoleão é renomeada como César. Há outro ponto de destaque importante, que pode ser encontrado nas cartas trocadas entre o autor e seu círculo mais próximo de amigos nos anos que se seguiram à publicação de *A Revolução dos Bichos*. Em especial no que diz respeito a uma leitura recorrente de Orwell como “a voz da desilusão política, do fracasso inevitável da revolução e do socialismo”***. Em dezembro de 1946, o autor estadunidense Dwight Macdonald**** escreve para Orwell a fim de indagar-lhe se sua intenção em *A Revolução dos Bichos* era a de fazer uma crítica específica aos rumos da Revolução Russa de 1917, ou se havia na obra uma descrença com a revolução e com o socialismo como um todo. Copio a resposta do autor aqui:

[Em resposta a] sua dúvida sobre *Animal Farm*. Claro, eu a pretendia principalmente como uma sátira à Revolução Russa. Mas eu, deveras, pretendia que ela tivesse uma aplicação mais ampla, ao passo que quis dizer que esse tipo de revolução (revolução conspiratória, violenta, liderada por pessoas inconscientemente famintas por poder) só pode levar a uma

* Ver Davison, Peter. “A Note on the Text” in Orwell, George. *Animal Farm: A Fairy Story*. Harlow, Inglaterra: Penguin Books. 2000.

** Mulhern, Francis. *The Moment of ‘Scrutiny’*. Londres: New Left Books, 1979. pp. 35, 306-7, 330-39.

*** Williams, Raymond. *George Orwell*. Nova York: Viking Press, Modern Masters Series, 1971. p.59.

**** Antigo trotskista que posteriormente se tornaria um “socialista libertário”, como ele mesmo afirma em *Memoirs of a Revolutionist: Essays in Political Criticism*. Nova York: Farrar Straus and Cudahy, 1957.

mudança de senhores. Eu esperava que a moral da história fosse que as revoluções só produzem uma melhora radical quando as massas estão alertas e sabem como expulsar seus líderes tão logo estes tenham feito seu trabalho. O ponto de virada da história deveria ser quando os porcos ficam com o leite e as maçãs para eles (Kronstadt).* Se os outros animais tivessem tido o bom senso de bater o pé, tudo estaria bem. Se as pessoas pensam que estou defendendo o status quo, isso é, creio eu, porque ficaram pessimistas e assumem que não há alternativa exceto a ditadura ou o capitalismo *laissez-faire*.**

Orwell inclusive fez questão de adicionar algumas falas dos animais, perguntando-se se seria correto que os porcos ficassem com o leite e as maçãs só para eles, quando a fábula foi adaptada para o rádio, pela BBC. O ponto a ser enfatizado é este: *A Revolução dos Bichos* está longe de ser uma narrativa sobre uma revolução, mas uma fábula que visa enfatizar quão decisiva é a participação popular em qualquer movimento político, quão mandatórias são a voz e a visão do povo nos rumos e cursos de ações transformadoras em suas sociedades e, acima de tudo, que “É impossível ter uma revolução a menos que você mesmo a faça; não existe esta ideia de um(a) ditad[or]ura benevolente”. Todo processo transformador ou revolucionário engendra em si mesmo sua antítese, ou seja, não há revolução sem contrarrevolução. Não há construção de um “nós” sem que haja um “eles”, não há um amanhã que não sofra com o peso de ontem e de hoje. E são essas as coordenadas que devemos ter em mente ao prosseguir em uma chave de leitura mais produtiva de uma obra que muitas vezes é lida de forma esvaziada e rasa, nossa imaginação política deve aprofundar-se justamente no exercício de conceber quais rumos poderiam ter transformado aquela experiência de libertação. Com quem

* Aqui, Orwell faz referência a eventos que ocorreram no início de 1921. A escassez de alimentos e um regime severo levaram a uma série de greves em Leningrado; em março, os grevistas foram apoiados por marinheiros da base naval de Kronstadt. Essa foi a primeira revolta séria não apenas de partidários da Revolução contra seu governo, mas também de uma cidade e de oficiais da Marinha, particularmente associados em assegurar o sucesso da Revolução de 1917. Trotsky e Mikhail Tukhachevsky (1893–1937) sufocaram a rebelião, mas as baixas sofridas pelos grevistas não foram em vão. Uma Nova Política Econômica seria anunciada após o episódio, reconhecendo a necessidade de reformas.

** Davison, Peter (ed.). *The Complete Works of George Orwell*. Londres: [s.n.], 1998. p.454. Tradução e grifos meus.

deveria ter ficado o poder repressivo da fazenda? De que forma a luta por uma memória revolucionária foi manobrada contra a consciência coletiva das melhorias conquistadas após a expulsão do Sr. Jones?

Tal leitura superficial de uma versão esvaziada da narrativa foi a principal ferramenta utilizada na luta ideológica travada pelo legado de *A Revolução dos Bichos*. Durante a Guerra Fria, a Agência Central de Inteligência Americana (CIA) comprou os direitos para a adaptação do livro em versão cinematográfica, a fim de usá-la como propaganda anticomunista. Tal intento fica explícito na animação de 1955, que chega a alterar a cena final do livro, retirando dela os porcos capitalistas – indistinguíveis, aos olhos dos animais, dos porcos antirrevolucionários. Vale ressaltar também que, entre os anos de 1952 e 1957, partindo de três locais na Alemanha Ocidental, uma operação da CIA com o codinome “Aedinossauro” lançou milhares de balões carregando cópias de *A Revolução dos Bichos* que seriam lançadas sobre a Polônia, Hungria e Tchecoslováquia. Para o serviço de inteligência estadunidense, os livros naquele tempo eram “a arma mais importante da propaganda estratégica (de longo prazo)”.

Possivelmente, o ponto mais interessante da leitura desta obra – passados mais de 75 anos desde a sua publicação – reside no fato de que, no pior cenário de sua imaginação política vertida em forma literária, Orwell tenha produzido não uma sátira soviética, não uma alegoria “antitotalitarista”, mas uma denúncia para a posteridade (por meio de uma apreensão sensível) das perversidades, manipulações discursivas e injustiças hediondas operadas dentro mesmo do liberalismo republicano que ele conhecia tão bem. Ao mesclar fábula e distopia, conto de fadas e propósito político, o autor produz um mundo no qual “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”, frase que poderia ser usada para descrever, por exemplo, como o Liberalismo (enquanto corrente filosófica e modelo político) advertia para a importância da liberdade dos seres humanos, mas não estendeu tal liberdade/humanidade às centenas de milhares de pessoas escravizadas das quais o modelo dependia em sua fase de acumulação primitiva. A frase também poderia ser usada para tentar explicar por que jacobinos e girondinos que concordavam sobre o papel fundamental da educação na emancipação humana não foram capazes de desejar essa emancipação às mulheres, mantendo-as em condição subalternizada de “menos iguais,

menos humanas”. Ou até mesmo para tentar explicar por que uma série de direitos civis como casamento, adoção e doação de sangue, dentre tantos outros, não foram ainda outorgados às multidões *queer*, que seguem em posição de estranho-abjeto em parte significativa do mundo.

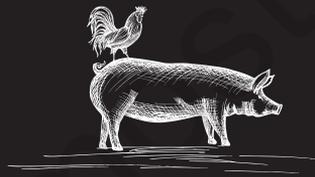
O convite que faço a quem lerá este livro é que exercite a capacidade de entender que, no nosso momento de dilapidação de direitos trabalhistas, ameaça de retirada de marcos civilizatórios e destruição ambiental, somos todos animais iguais, mas alguns estão fazendo viagens bilionárias ao espaço, enquanto outros fazem fila por restos de ossos.

Boa leitura, e que haja também boa revolução!

RITA VON HUNTY

é a persona drag do ator e professor Guilherme Terreri. Com formação em Artes Cênicas pela UNIRIO e Língua e Literatura Inglesa pela USP, Rita desenvolve um trabalho de arte-educação focado na discussão de temas sociais através dos Estudos de Cultura. Ela atua no cinema e no teatro, apresenta um programa de TV exibido em toda a América Latina (*Drag Me As A Queen* - NBCU) e tem um canal no YouTube (Tempero Drag). Rita também é colunista da *Carta Capital* e do programa *Saia Justa* (GNT).

Amostra



A REVOLUÇÃO DOS BICHOS





1

O sr. Jones, da Fazenda Palacete, tinha trancado o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar as portinholas. Com o círculo de luz da lamparina dançando de um lado para o outro, ele cambaleou pelo pátio, tirou as botas na porta dos fundos, serviu-se de um último copo de cerveja do barril na despensa e subiu para o quarto, onde a sra. Jones já estava roncando.

Assim que a última luz da casa se apagou, uma agitação e um burburinho tomaram conta de toda a fazenda. Correria, durante o dia, a notícia de que o velho Major, um varrão premiado da raça middle white, tivera um sonho estranho na noite anterior e desejava comunicá-lo aos outros animais. Haviam combinado de se reunir no grande celeiro assim que o sr. Jones estivesse fora do caminho. O velho Major (como era chamado embora tivesse competido em exposições com o nome “Beleza de Willingdon”) era tão respeitado na fazenda que todos estavam dispostos a sacrificar uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Em uma das extremidades do celeiro, sobre uma espécie de tablado, Major já estava instalado em sua cama de palha, debaixo da lamparina que pendia de uma viga. Aos doze anos, ele ultimamente se tornara um tanto corpulento, mas ainda era um porco de aparência majestosa, com um ar sábio e benevolente, embora ainda tivesse as presas, que nunca tinham sido cortadas. Os outros animais logo começaram a chegar e se acomodar, cada um à sua maneira. Primeiro, vieram os três cachorros, Belinha, Julieta e Mocotó; em seguida os porcos, que se posicionaram sobre a palha bem em frente ao tablado. As galinhas se empoleiraram nos peitoris das janelas, os pombos voaram até a cumeeira, as ovelhas e as vacas se deitaram atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Hércules e Fortunata, vieram juntos, andando bem devagar e pousando seus enormes cascos peludos com muito cuidado para o caso de haver algum animal pequeno oculto na palha. Fortunata era uma égua robusta e maternal já próxima da meia-idade e nunca

